

# CULTURA ANTI-CULTURA

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

toda a cultura é anti-cultural stop toda a anti-cultura é cultural stop

Posto isto, por aqui tranquilamente me ficaria se não me tivessem encomendado uma nota breve sobre o caso. Sem querer dizer jovens de, suponho, anti-cultura, em aventuras semáticas — que não, espero, semiológicas.

Acrescento então que, ao fazer cultura (e outra coisa não podemos fazer, poetando, amando ou temperando batatas com manteiga ou com azeite), estamos fatalmente a negá-la, por opção em cada caso havida contra outra. E que, ao negar a que negamos, estamos, fatalmente também, a fazer outra.

Porque cultura, no estado actual das coisas established, é opção, por impossibilidade de não o ser e assumir a multiplicidade que outra situação exigiria e que só aos deuses cabe, no seu ser por todo o lado, em face do nosso sendo de uma banda só de cada vez. A todo o momento, todas as outras situações ficam infinitamente fora do nosso alcance, e muitíssimas elas são, culinárias, eróticas, combinatórias ou ideológicas.

Assim é que estamos sempre a recusar o próprio acto praticado, ou (por outras e mais ou menos freudianas palavras) só fazemos os actos falhados que toda a cultura implica — e só.

Assim é também que, dizendo que não, proferimos e preferimos outro sim. Até acabarmos por confundir os dois, não e sim, num contentamento contestatário que fatalmente satisfaz o segundo — que é sempre primeiro, desde a criação do mundo, em sim absoluto e irremediável.

Por outro lado, que é o da própria sua natureza, sendo dinâmica, a cultura tem que negar o que vai sendo, negando assim a sua (impossível) definição. Isso na medida em que, afinal, vai confirmando os seus princípio e natureza. Igualmente o acto praticado contra a cultura, por a destruir, ou desestruturar (que nada nunca se destrói), está a afirmar a sua, dela, possibilidade dinâmica; logo está a ser acção cultural, por princípio e natureza.

E deste círculo vicioso de ser contra e a favor sucessiva e consequentemente não se pode sair — nem há, tão pouco, que sair. Qualquer porta suposta é meramente conjuntural e estruturalmente paradoxal, ilusão duma sociologia classificatória e vãmente polémica. Quanto muito, uma janela, mas impossível de saltar para o vazio do lado de fora inexistente da nossa realidade fatal. Ou, por humor macabro, a porta marcada "exit", como num gag trágico, que abre para o infinito da morte — ainda acto cultural, por mais suicidado ou anti que se pretendesse.

Em resumo diria que o jogo de cultura-anti-cultura que a todo o momento e sem descanso jogamos, tem o "anti" no meio de uma realidade e do seu duplo, como se fosse um espelho onde uma e outro se revertem. Um espelho sem aço que nenhuma dialéctica salva. E que é, afinal de todas as contas, uma simples e hialina ilusão, intervenção metafórica e inútil no fazer constante, contraditório e absurdo, desta cultura que somos, por não podermos, por enquanto, não ser.

Mas lá chegaremos. ●